

Editorial

O presente número de *Psicologia e Saber Social* apresenta aos seus leitores uma interessante variedade de temas e perspectivas psicossociais. De fato, embora se orgulhe de constituir um veículo privilegiado para a divulgação de trabalhos no campo das representações sociais, a Revista tem uma ambição maior quanto à publicação científica no âmbito da psicologia social.

Nessa linha de desenvolvimento, metade dos artigos ora publicados se vincula explicitamente à teoria e à prática da pesquisa empírica em representações sociais, mas os demais se distribuem, em termos teórico-conceituais, pelo estudo dos valores, da memória, do afeto e da cognição social. Em termos temáticos, tanto uns quanto outros se debruçam sobre problemas pertinentes e instigantes da vida cotidiana nas sociedades contemporâneas: a psicoterapia, as relações inter-étnicas, o impacto social da Aids, as imagens construídas das cidades em que se vive, o incremento generalizado das práticas esportivas, a “fixação” nos videogames, os persistentes problemas sociais do alcoolismo e do tráfico de drogas ilícitas, além dos desafios da ressocialização de adolescentes infratores.

A breve descrição acima do conteúdo deste número demonstra, a nosso ver, que, ao mesmo tempo em que aumenta a diversidade dos artigos publicados, a Revista se mantém propositalmente seletiva, tanto no que se refere ao leque de perspectivas teóricas privilegiadas quanto em relação à natureza socialmente relevante dos temas tratados. A tal binômio teoria-tema acrescenta-se ainda uma consistente valorização do tratamento empírico dos problemas detectados, a partir obviamente dos seus equacionamentos teórico-conceituais prévios (pois, como dizia Kurt Lewin, “nada tão prático como uma boa teoria”).

No sentido específico de uma indução ao estudo de questões psicossociais relevantes e envolvendo parcelas mais numerosas de uma população, *Psicologia e Saber Social* incentivou, em números anteriores, seus leitores/autores brasileiros a se ocuparem de temas tão “mais sociais” (nos termos de Tajfel) ou “societais” (segundo Doise) quanto a Copa do Mundo de Futebol e a eleição para Presidente da República, em 2014, e o Carnaval de 2015. As contribuições para os primeiros temas foram em bom número e de boa qualidade, tendo sido incluídas nos Números 1 e 2 de 2014, respectivamente. Já a seção prevista para o Carnaval não recebeu qualquer contribuição. Talvez nossos convidados estivessem mais ocupados em participar ativamente do evento do que em analisa-lo, o que não chega a ser algo muito reprovável.

A dimensão política da psicologia social (como no caso da eleição presidencial) e a do comportamento coletivo (como no caso do Carnaval) parecem poder comportar hoje uma consideração conjunta ou articulada no estudo do episódio do *impeachment* de que se encontra ameaçada a Presidente Dilma Rousseff. Parece ser possível que tal situação se prolongue por vários meses, envolvendo uma sucessão de manifestações político-partidárias, judiciais, midiáticas e populares, mas também que, mesmo que o seu desfecho institucional – num sentido ou noutro – não demore tanto, a este se siga um igualmente longo confronto de eventos políticos, de maior ou menor envergadura como fenômenos de caráter coletivo.

À psicologia social cabe se ocupar da vida cotidiana nas sociedades contemporâneas, considerando em especial as interações que ocorrem entre seus membros, bem como as

explicações que estes dão para as situações com que se defrontam – neste caso, a ameaça de *impeachment* – e para os seus próprios posicionamentos em relação a elas. Ao se ocupar do presente caso, a disciplina deve privilegiar, como é da sua tradição, a pesquisa empírica conduzida junto aos partícipes efetivos dos acontecimentos.

Nesse sentido, *Psicologia e Saber Social* propõe a seus leitores/autores que dediquem parte do seu investimento em produção científica à instigante, oportuna e relevante investigação do processo político do *impeachment* – seja qual for o desfecho – em sua dimensão propriamente coletiva. Na avaliação das contribuições será levado em conta que o pesquisador nunca é neutro, especialmente num caso como este, mas também será exigido do seu trabalho uma demonstração nítida de objetividade científica.

Celso Pereira de Sá
Editor científico